

O BRINCAR E O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA DA EDUCAÇÃO INFANTIL: PRIMEIRAS REFLEXÕES COM BASE NA TEORIA DE PIAGET E VYGOTSKY

RAISA BARBARA FOLTRAN¹

SHEILA ROSIN²

RESUMO:

Esta pesquisa propõe uma reflexão sobre a temática a importância do brincar para o desenvolvimento da criança que frequenta a Educação Infantil, destacando os princípios necessários para o professor não perder as dimensões pedagógicas que envolveu esta questão. Há dificuldade por parte da equipe de profissionais das escolas em perceber quão necessário é o brincar na aprendizagem das crianças na Educação Infantil. Diante disso, a pesquisa tem como objetivo geral destacar a importância do brincar nos processos de desenvolvimento e da aprendizagem da criança de 2 a 7 anos, a fim de discutir formas do brincar para crianças desta faixa etária, e como objetivos específicos: indicar as características da criança no processo de desenvolvimento cognitivo e afetivo enfatizando o estágio pré-operatório e apontar possíveis atividades utilizando instrumentos práticos e teóricos a partir do brincar na Educação Infantil. Para tanto, como metodologia optou-se por uma pesquisa bibliográfica, tendo como principais leituras os estudos de Piaget (1971; 1999; 2003) e Vygotsky (2000). Concluiu-se, com este trabalho, que a criança necessita de um ambiente em que propicie a ela vivenciar e aprender de forma prazerosa, o brincar na escola é a melhor maneira para o desenvolvimento.

PALAVRAS-CHAVE: Desenvolvimento e aprendizagem; brincar; Educação Infantil

¹ Acadêmica do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá

² Professora orientadora do departamento de Teoria e Prática da Educação da Universidade Estadual de Maringá.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como tema “O brincar e o desenvolvimento da criança da educação infantil: primeiras reflexões com base na teoria de Piaget e Vygotsky.”

A escolha deste tema surgiu por meio da minha vivência como professora da Educação Infantil. É no meu dia-a-dia que observo no brincar um ato simples na vida de uma criança, porém de uma importância enorme.

Foi a partir de observações em estágios e no meu próprio dia-a-dia como professora, que percebi e percebo uma grande dificuldade por parte da equipe de profissionais da escola (ou do corpo docente) em entender quão importante e necessário é o brincar na aprendizagem das crianças de 2 a 7 anos de idade.

No brincar, a criança, se descobre e descobre o mundo que a cerca, aprende e explora seus conhecimentos diários. O brincar não se resume em apenas brincar e sim aprender.

Desta forma, o objetivo se encontra em mostrar a importância das brincadeiras nos processos de desenvolvimento e da aprendizagem da criança da Educação Infantil e como objetivos específicos: indicar as características da criança no processo de desenvolvimento cognitivo e afetivo; apresentar o estágio pré operatório da criança dos 2 a 7 anos de idade e mostrar possíveis atividades com instrumentos práticos e teóricos a partir do brincar na Educação Infantil.

Para atingir os objetivos propostos, foi desenvolvida uma pesquisa bibliográfica. Segundo Gil (2002, p.17):

Pode-se definir pesquisa como o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa é requerida quando não se dispõe de informação suficiente para responder ao problema, ou então quando a informação disponível se encontra em tal estado de desordem que não possa ser adequadamente relacionada ao problema.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, pois abrange leitura, análise e interpretação de artigos científicos, fruto de estudos sistemáticos sobre o brincar. Conforme Gil (2002, p. 59):

A pesquisa bibliográfica, como qualquer outra modalidade de pesquisa, desenvolve-se ao longo de uma série de etapas. Seu

número, assim como seu encadeamento, depende de muitos fatores, tais como a natureza do problema, o nível de conhecimentos que o pesquisador dispõe sobre o assunto, o grau de precisão que se pretende conferir à pesquisa etc. Assim, qualquer tentativa de apresentar um modelo para desenvolvimento de uma pesquisa bibliográfica deverá ser entendida como arbitrária. Tanto é que os modelos apresentados pelos autores que tratam desse assunto diferem significativamente entre si.

Com o intuito de entendermos o objetivo desta pesquisa estruturamos o trabalho da seguinte forma: no tópico dois discutiremos o desenvolvimento cognitivo segundo a teoria dos estágios de Jean Piaget, que nos mostra a maneira com que o conhecimento se desenvolve nas crianças, entendendo melhor o desenvolvimento cognitivo humano apresentado em vários períodos, tais como: sensório-motor 0-2 anos, pré-operatório 2-7 anos, operatório-concreto 7-11 e operatório-formal, 12 anos em diante. Ressaltando que esta pesquisa terá como ênfase o período pré-operatório, pois é neste estágio que encontra-se a criança da Educação Infantil.

No tópico três abordaremos o brincar na concepção de Vygotsky, um autor que proporcionou grandes contribuições com suas pesquisas para a atividade escolar, ao relacionar desenvolvimento e aprendizagem por meio das brincadeiras.

Por fim, no tópico quatro apresentaremos a importância do brincar para crianças de 2-7 anos, analisando como as brincadeiras auxiliam na aprendizagem e desenvolvimento cognitivo de crianças no período da Educação Infantil, pois o brincar e o faz-de-conta são uma maneira da criança se comunicar, expressar suas vontades, agir, entreter-se, elaborar teorias, criar, fantasiar, inventar, explorar, construir, sentir, ser e viver; é uma associação entre pensamento e ação que ajuda as crianças no seu desenvolvimento físico, mental, emocional e social.

Desta forma, com base nas informações obtidas, torna-se possível formar uma possibilidade que inicia uma nova prática pedagógica. Uma prática em que a brincadeira infantil não é vista somente como aspecto natural da criança, mas como um meio de promover a aprendizagem.

2 O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO SEGUNDO A TEORIA DOS ESTÁGIOS DE JEAN PIAGET

Para Goulart (2005), os estudos de Piaget nos mostram a maneira com que o conhecimento se desenvolve nas crianças, assim entende-se melhor o desenvolvimento cognitivo humano. Através dos estudos sobre a epistemologia genética e a psicologia do desenvolvimento entendemos como o conhecimento humano aconteceu. Portanto, passamos a compreender que estudar o desenvolvimento humano, a partir desta perspectiva, nos faz conhecer as peculiaridades de cada faixa etária, em cada etapa da vida, denominadas “estágios”.

Com base nos estudos de Jean Piaget, apresentaremos vários períodos do desenvolvimento humano, tais como: sensório-motor 0-2 anos, pré-operatório 2-7 anos, operatório-concreto 7-11 e operatório-formal, 12 anos em diante. Ressaltando que esta pesquisa terá como ênfase o período pré-operatório, pois é neste estágio que encontra-se a criança da Educação Infantil.

É importante salientar que as idades apresentadas em cada estágio são apenas médias, podem variar de uma criança para outra, de acordo com seu meio social e o grau de inteligência, mas a ordem dos estágios é a mesma para todas as crianças (FERRACIOLLI, 1999).

Sensório-motor

Estágio Sensório-motor, que ocorre entre 0 a 2 anos, para Piaget (2003) a principal característica desse período está na falta da representação mental da criança sobre os objetos, sendo direta sua ação sobre os mesmos. A atividade cerebral da criança é de caráter sensorial e motor. A atividade cognitiva durante este estágio baseia-se, principalmente, na experiência imediata por meio dos sentidos em que há interação com o meio, esta é uma atividade prática. A estimulação no meio em que a criança está inserida interferirá na passagem de um estágio para o outro. É a estimulação que permitirá que a criança avance de estágio.

De acordo com Wadsworth (1996), neste estágio a criança passa por 6 períodos: atividade reflexa, primeiras diferenciações, reprodução de eventos interessantes, coordenação de esquemas, invenção de novos meios e a

representação, em todos esses períodos o autor fala sobre intencionalidade da criança, o conceito de objeto e o conceito de causalidade.

Wadsworth explica cada período, sendo assim o período **atividade reflexa**, do nascimento até aproximadamente 1 mês e meio de vida. Os reflexos que ainda não são percebidos, ao serem exercitados, vão sendo controlados e coordenados pelos recém-nascidos. Nos primeiros meses de vida, o bebê não possui a capacidade de entender que o objeto existe mesmo quando não está no campo visual da criança ou quando não podem ser manipulados por ela.

Primeiras diferenciações: vai de aproximadamente 1 mês e meio até 4 meses. É nessa etapa que os bebês começam a atentar para os sons, mostrando capacidade de empregar diferentes tipos de informações sensoriais, como visão e audição, e a coordenar seu universo visual com o tátil.

Reprodução de eventos interessantes: vai de 4 a 8 meses. É durante esse período que o foco da ação é externo ao bebê, como quando a criança descobre um brinquedo e o utiliza para brincar. Nesse período os bebês dirigem sua atenção ao mundo externo, tanto aos objetos quanto para os resultados de suas ações.

Coordenação de esquemas: Vai aproximadamente de 8 a 12 meses. Nesta fase o bebê já possui intencionalidade nas suas ações e tem uma maior manipulação no meio em que vive. Desta forma as crianças conseguem de maneira simples alcançar aquilo que desejam.

Invenção de novos meios: ocorre entre 12 a 18 meses. Se inicia o desenvolvimento do pensamento simbólico, é aqui que a criança se torna apta a representar de forma simbólica uma realidade mental.

Representação: que vai de 18 a 24 meses. Neste período ocorre uma transição para o estágio pré-operacional da segunda infância. O ponto final do desenvolvimento sensório-motor é a competência de retratar o mundo mentalmente de maneira mais abrangente.

Pré-operatório

Dos 2 aos 7 anos, a criança evolui de um ser cujo pensamento se dá por meio de uma ação (sensório-motor), a um ser que está cada vez mais conceitual e representacional. Segundo Wadsworth (1996, p.66).

A capacidade de representação de objetos e eventos é o principal desenvolvimento do estágio pré-operacional. Vários são os tipos de representação que tem relevância no desenvolvimento. Pela ordem de aparecimento, são eles: *a imitação diferida, o jogo simbólico, o desenho, a imagem mental e a linguagem falada*. Todos os tipos de representação começam a se manifestar em torno dos 2 anos.

O aspecto mais visível durante o desenvolvimento do pensamento pré-operatório é a fala, nesta fase que há um grande progresso do desenvolvimento, pois é quando a criança desenvolve a linguagem. Assim, a criança se socializa mais, conseguindo comunicar-se com os outros no meio em que vive. O que Piaget (2003) chama de socialização da ação.

A criança com a idade de quatro a sete anos tende a mostrar um vocabulário limitado pela não compreensão dos conceitos e também pela intuição, mostrando no seu dia-a-dia através da fala que a mesma não sabe definir os conceitos que utiliza, usando a intuição para afirmar e justificar suas afirmações.

A intuição articulada é, portanto, suscetível de atingir um nível de equilíbrio mais estável e mais móvel ao mesmo tempo do que a ação senso-motora sozinha, residindo a o grande progresso do pensamento próprio deste estágio sobre a inteligência que precede a linguagem. Comparada à lógica, a intuição, do ponto de vista do equilíbrio, é menos estável, dada a ausência de reversibilidade; mas, em relação aos atos pré-verbais, representa uma autêntica conquista. (PIAGET, 1999, p.36)

Por volta dos cinco anos e meio de idade, acontece a fase dos “por quês”. Para a criança, nada é por acaso, tudo tem que ter uma explicação e um motivo. O que ocorre muitas vezes é que os adultos não encontram respostas para essas perguntas por serem assuntos relacionados a fenômenos naturais e fatos do cotidiano. (PIAGET, 2003).

De acordo com Piaget (1999), foi a partir do aparecimento da linguagem que os procedimentos do comportamento humano foram profundamente modificados

nos aspectos efetivo e no intelectual. As três modificações gerais da conduta são: socialização, pensamento e intuição, e depois suas repercussões afetivas.

A troca e a comunicação entre os indivíduos são a consequência mais evidente do aparecimento da linguagem. Sem dúvida, essas relações interindividuais existem em germe desde a segunda metade do primeiro ano, graças a imitação, cujos progressos estão em íntima conexão com o desenvolvimento senso-motor.(PIAGET, 1999, p.25)

Desta forma, a linguagem espontânea entre crianças e o comportamento delas nos jogos coletivos, mostram que as primeiras condutas sociais permanecem ainda em processo de socialização. Assim, três grandes categorias podem ser postos em evidência.

Primeiramente, Piaget (1999) aborda os fatos existentes de subordinação e as reações de coação espiritual desempenhada pelo adulto sobre a criança. Elas vêem seus pais e os adultos que convivem no seu dia-a-dia como seres grandes e fortes, como fontes de atividades inesperadas e misteriosas. Os adultos passam a se tornar modelos e exemplos, em que a criança passa a copiar ou se igualar. Em segundo lugar tem-se todos os fatores de trocas, com o adulto ou com as outras crianças. Para Piaget (1999), essas intercomunicações desempenham igualmente papel decisivo para o progresso da ação. E, por último, são os monólogos variados que acompanham a criança em seus jogos e sua atividade, constituem mais de um terço da linguagem espontânea de crianças entre três e quatro anos.

Portanto, tanto o diálogo espontâneo entre crianças, como o do comportamento dos mesmos nos jogos coletivos, mostram que os primeiros comportamentos sociais permanecem ainda a meio caminho da verdadeira socialização.

Para Wadsworth (1996), outro ponto que caracteriza esta fase é a imitação diferida em que a criança tem a capacidade de representar mentalmente (recordar) o que está imitando, ou seja, ela reproduz aquilo que viu em momentos anteriores vividos pelos pais ou professores. Segundo o autor o jogo simbólico é quando a criança usa o seu faz-de-conta, brincando com madeiras como se

fossem seus carrinhos, é aqui que a criança constrói símbolos, invenções que representam aquilo que deseja no momento.

O desenho neste estágio é mais conhecido como garatuja, em que a criança não tem a noção do que está realmente fazendo, embora em alguns momentos apareçam processos em formas de rabiscos. Portanto, no decorrer do estágio é visível o esforço e desempenho da criança tornando seus desenhos mais reais.

Para Wadsworth (1996), imagens mentais são representações internas (símbolos) de objetos ou de experiências perceptivas passadas, embora elas não sejam cópias fiéis daquelas experiências.

Há também uma característica da criança neste estágio que é o egocentrismo. Segundo Wadsworth (1996, p.76):

Piaget caracterizou o pensamento e o comportamento de uma criança pré-operacional como egocêntrico. Isto é, a criança não pode assumir o papel ou o ponto de vista do outro. Ela acredita que todos pensam como ela e que todos pensam as mesmas coisas que ela. Como resultado, a criança nunca questiona os seus próprios pensamentos, pois eles são, até onde lhe concerne, os únicos pensamentos possíveis e, conseqüentemente, devem ser corretos.

De acordo com Cunha (1994), outra característica do estágio pré-operacional é o animismo, a criança atribui sentimentos humanos aos objetos que fazem parte do seu mundo e dia-a-dia como, por exemplo, está chovendo, porque as nuvens estão tristes. Há também a centração, que segundo o autor a criança considera apenas um aspecto de cada vez. Ou seja, ocorre quando a criança, submetida a um determinado estímulo visual, coloca sua atenção sobre um número limitado de partes desse estímulo.

A criança deste estágio é incapaz de reverter mentalmente uma dada operação ou processo, esta característica é chamada de irreversibilidade. Conforme Wadsworth (1996), colocando-se diante de uma criança sem pensamento reversível, duas fileiras iguais em comprimento, cada qual com oito moedas, ela concordará que as duas fileiras possuem o mesmo número de moedas. Em seguida, diante da criança, uma das fileiras é alongada. Após este momento ela passa a discordar que

as duas tenham o mesmo número de moedas. Isto ocorre porque ela é incapaz de manter a equivalência de número diante a mudança visual, numa dimensão (comprimento) que é um aspecto desconsiderado para efeito do conceito de número.

De acordo com a teoria Piagetiana conservação é definida através da capacidade da criança em perceber que apesar das diferenças de forma ou arranjo espacial, uma quantidade ou valor não altera se dele não se retira ou adiciona algo.

Piaget (1999), afirma que as transformações das ações originárias do início da socialização não tem importância somente para a inteligência e para o pensamento, mas refletem também na vida afetiva. Por isso, as motivações e o dinamismo energético partem da afetividade, enquanto que as técnicas e o ajustamento dos meios empregados formam o aspecto cognitivo (senso-motor ou racional).

Como citei anteriormente a criança com a idade de quatro a sete anos tende a mostrar um vocabulário limitado por não compreender os conceitos e por agir pela intuição, mostrando no seu dia-a-dia por meio da fala que a mesma não sabe definir os conceitos que utiliza, usando a intuição para afirmar e justificar suas afirmações.

A intuição articulada é, portanto, suscetível de atingir um nível de equilíbrio mais estável e mais móvel ao mesmo tempo do que a ação senso-motora sozinha, residindo a o grande progresso do pensamento próprio deste estágio sobre a inteligência que precede a linguagem. Comparada à lógica, a intuição, do ponto de vista do equilíbrio, é menos estável, dada a ausência de reversibilidade; mas, em relação aos atos pré-verbais, representa uma autêntica conquista. (PIAGET, 1999, p.36)

Piaget (1999) destaca que interesses, autovalorizações, valores interindividuais espontâneos e valores intuitivos tendem a ser as principais características visíveis da vida afetiva nesta faixa etária.

A simpatia, então, de um lado supõe uma valorização mútua e, de outro, uma escola de valores comum que permita as trocas. É o que a linguagem exprime, dizendo que as pessoas se gostam. "Concordam entre si", "tem os mesmos gostos", etc. Inversamente, a antipatia nasce na ausência de gostos comuns e da escola de valores comuns.(PIAGET, 1999, p.38)

Conforme a criança evolui vai-se adaptando à realidade e superando de forma cada vez mais dinâmica as inúmeras situações com que se confronta. É a partir disto que Piaget trabalha a criança em 4 estágios diferentes.

Por fim, é neste período dos dois aos sete anos que o desenvolvimento cognitivo e afetivo estão em continua mudança, com os processos de assimilação e acomodação que resultam na construção de uma nova estrutura cognitiva.

Operações concretas

Ocorre entre os 7 e 11 anos, segundo Piaget (2003) neste estágio pela primeira vez o indivíduo usa da lógica e não da percepção a resolver seus conflitos, não possui mais uma linguagem egocêntrica e sim social. É a partir daqui (operações concretas) que começa a ver o mundo com mais realismo, deixa de confundir o real com a fantasia.

Segundo Coutinho (1992), no transcorrer deste estágio a criança adquire muitos conhecimentos, dentre elas a habilidade de consolidar as conservações de número, ou as operações infralógicas, ou seja, conservação física: peso, volume e substância e também a constituição do espaço, que são a conservação de comprimento, superfície, perímetros, horizontais e verticais e a constituição do tempo e do movimento (coordenação entre tempo e velocidade).

De acordo com Wadsworth (1996, p.104), neste estágio a criança deixa de ser menos egocêntrica e passa a ser cada vez mais social no uso de sua linguagem “A fala é empregada como um fim básico de comunicação. Pela primeira vez a criança torna-se um ser verdadeiramente social.”

Operações formais

Estágio que ocorre a partir dos 12 anos , segundo Piaget (2003) ocorre o desenvolvimento das operações de raciocínio abstrato. A criança passa a ter representações abstratas do domínio concreto. É nesta fase que a criança desenvolve a sua própria identidade, podendo haver, neste período problemas existências e dúvidas entre o certo e o errado. A criança defende seu ponto de vista por meio dos seus próprios valores e naquilo que acredita.

Após alcançar este tipo de estrutura mental, não há mais mudança estrutural na qualidade do raciocínio. O adolescente com as operações formais completamente desenvolvidas tem o equipamento *estrutural* cognitivo para pensar “tão bem quanto” os adultos. (WADSWORTH, 1996, p.125).

Para Wadsworth (1996), a adolescência é caracterizada pelo egocentrismo cognitivo, pois o adolescente possui a habilidade de resolver os problemas que surgem á sua volta e em seu meio de convívio.

Portanto, deve-se propor situações de aprendizagem compatíveis com o estágio de desenvolvimento cognitivo de cada aluno para que tenhamos sucesso no processo de aprendizado de cada um, porém devemos sempre propor novos desafios e diferentes vivencias para que a criança seja defrontada com um problema novo para resolver.

3 O BRINCAR SEGUNDO A CONCEPÇÃO DE VYGOTSKY

Vygotsky proporcionou grandes contribuições com suas pesquisas para a atividade escolar, ao relacionar desenvolvimento e aprendizagem por meio das brincadeiras.

No inicio da idade pré-escolar, quando surgem os desejos que não podem ser imediatamente satisfeitos ou esquecidos, e permanece ainda a característica do estagio precedente de uma tendência para satisfação imediata desses desejos, o comportamento da criança muda. Para resolver essa tensão, a criança em idade pré-escolar envolve-se em um mundo ilusório e imaginário onde os desejos não realizáveis podem ser realizados, e esse mundo é o que chamamos de brinquedo. (VIGOTSKY, 2000, p.122)

Ou seja, o brinquedo tem uma grande importância no desenvolvimento da identidade e da autonomia da criança. Nas brincadeiras, as crianças podem desenvolver capacidades importantes, como: imitação, atenção, memória e imaginação.

No brinquedo a criança sempre se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário; no brinquedo é como se ela fosse maior do que é na realidade. Como no

foco de uma lente de aumento, o brinquedo contém todas as tendências do desenvolvimento sob forma condensada, sendo ele mesmo uma grande fonte de desenvolvimento. (VIGOTSKY, 2000, p.134-135)

Vemos a partir disto que o brincar propõe momentos em que é possível para a criança ser quem ela deseja ter a idade que quer. A imaginação é um processo psicológico, que, para a criança, representa uma forma de atividade consciente e de grande importância para o desenvolvimento.

Para Vigotsky, (2000) sempre que há uma situação imaginária no brinquedo, essencialmente há regras. No faz-de-conta, as crianças aprendem a imitar a imagem de uma pessoa, de uma personagem, de um objeto e de situações que não estão necessariamente presentes e perceptíveis para elas.

Portanto, a noção de que uma criança pode se comportar em uma situação imaginária sem regras é simplesmente incorreta. Se a criança está representando o papel de mãe, então ela obedece as regras de comportamento maternal. (VIGOTSKY, 2000, p.125)

Segundo Vigotsky, (2000) no brinquedo, o pensamento está separado dos objetos e a ação surge das ideias e não das coisas. A ação regida por regras começa a ser determinada pelas idéias e não pelos objetos. Isso representa uma tamanha inversão da relação da criança com a situação concreta, real e imediata, que é difícil subestimar seu pleno significado. A criança não realiza esta transformação de uma só vez porque é extremamente difícil para ela separar o pensamento dos objetos.

Outro fator na teoria de Vygotsky muito importante é a relação que do desenvolvimento das brincadeiras simbólicas e aquisição da linguagem escrita. O autor considera as brincadeiras das crianças como estágio preparatório para o desenvolvimento da língua escrita.

Vygotsky (2000) considera a brincadeira por meio de uma perspectiva biológica, considerando-a como um elemento constituído sócio-historicamente pelo indivíduo e que está em constante modificação devido ao meio cultural e a época em que o sujeito vive.

Essa perspectiva visa a brincadeira como formação do sujeito, atribuindo-lhe um espaço significativo no desenvolvimento das estruturas psicológicas, destacando-o pela sua plasticidade, capaz de novas articulações em função das alterações que ocorrem no meio e das transformações histórico-culturais. De acordo com Vygotsky,

“é no brinquedo que a criança aprende a agir numa esfera cognitiva” (VYGOTSKY, 2000, p 126)

Apesar de a relação brinquedo-desenvolvimento poder ser comparada a relação instrução-desenvolvimento, o brinquedo fornece ampla estrutura básica para mudanças nas necessidades e da consciência. A ação na esfera imaginativa, numa situação imaginária, a criação das intenções voluntárias e a formação dos planos da vida real e motivações volitivas – tudo aparece no brinquedo, que se constitui, assim, no mais alto nível de desenvolvimento pré-escolar. A criança desenvolve-se, essencialmente, através da atividade de brinquedo. Somente neste sentido o brinquedo pode ser considerado uma atividade condutora que determina o desenvolvimento da criança. (VIGOTSKY, 2000, p. 135)

Assim, no brinquedo a criança vive a interação com seus pares na troca, no conflito e no surgimento de novas idéias na construção de novos significados, na interação e na conquista das relações sociais, o que lhe possibilita a construção de representações, com isso, as crianças – sujeitos concretos, sociais, históricos e culturais – vão se constituindo como tais, num cenário que também é concreto, social, histórico e cultural.

4 O BRINCAR PARA CRIANÇAS DE 2-7 ANOS: O PRERÍODO PRÉ-OPERATÓRIO

No final do período sensório-motor e início do período pré-operatório, nota-se o surgimento do brincar e a fantasia, a criança faz de conta que chora, dorme, come, entre outros, e cria situações em que ela fará uma boneca ou outro objeto chorar, dormir ou comer. Nesta brincadeira, a criança lida e reproduz frustrações vividas no meio em que está inserida; por exemplo: quando está chateada com alguém põe a boneca de castigo. Outra característica que também é importante do início desse período é a liberdade total de regras, a não ser as que a própria criança cria.

A brincadeira tem um papel fundamental e importante no desenvolvimento da criança, é neste momento que ela expande seu vocabulário, nomeia os objetos que brinca, estabelece diálogos e monólogos, aprende a se socializar com o próximo. Além disso, acaba aprendendo a lidar com conflitos e a resolver problemas simples.

(...) Ao brincar, a criança é capaz de impor-se a condições externas, em vez de a elas ficar sujeita. Há uma inversão do controle social: enquanto brincam, são as crianças que dão as ordens (...) Provocar a oportunidade de inversões tem implicações importantes como motor do desenvolvimento. No plano emocional, brincar permite à criança libertar as tensões originadas pelas restrições impostas pelo meio ambiente; brincar fornece a oportunidade de resolver as frustrações, e é por isso altamente terapêutico. Ao brincar com os outros, a criança aprende a partilhar, a dar, a tomar, a cooperar pela reversibilidade das relações sociais. (KISHIMOTO, 1995, p.13)

As brincadeiras fazem com que as crianças compreendam melhor a realidade não deixando de estimular a imaginação, criatividade e ludicidade. Monteiro (1994) defende que toda a capacidade da criatividade e espontaneidade que a criança facilmente exhibe em seu jogo de faz-de-conta, se encontra bloqueado no adulto. Em seu lugar, encontram-se, muitas vezes, respostas prontas, estereotipadas, atitudes rígidas em relação ao novo.

Portanto, a brincadeira é uma verdadeira forma de criatividade, não existe adulto criativo sem criança que brinque. Sendo assim a brincadeira se torna um ato de extrema importância na vida da criança, é por meio dela que será estimulado seu desenvolvimento motor, social, emocional e cognitivo.

Para Cunha (1994), a brincadeira faz com que a criança experimente, descubra, invente, exercite e confere suas habilidades. De uma forma geral, o brincar instiga a curiosidade, a iniciativa e a autoconfiança. Proporciona a aprendizagem, o desenvolvimento da linguagem, do pensamento e da concentração. É na brincadeira que a criança desenvolve a sociabilidade, a convivência, faz amigos, aprende a respeitar o direito dos outros e as normas e rotinas estabelecidas pelo grupo.

A brincadeira não se resume apenas em brinquedos pedagógicos ou não, deve-se considerar que as crianças também se interessam por brinquedos simples, por sucata, transformando, por exemplo, um rolo de papel toalha num telescópio, uma fileira da caixa de ovo em uma centopéia, usando sempre da criatividade e imaginação. Segundo Santos (1995, p. 6)

... de base para a recriação de outros brinquedos, adaptando-os à realidade; nessa adaptação podem ser utilizados materiais de baixo custo, como a sucata, acrescentando a eles o caráter lúdico, a alegria e o encantamento da recriação e mantendo vivo o espaço dos outros tipos de brinquedos.

De acordo Chateau (1987), o brincar é para a criança o mesmo que o trabalho é para o adulto. Desta forma, o significado da instituição de Educação Infantil é um lugar para aprender brincando. Mas como estaria este lugar sendo utilizado nas instituições pré-escolares de nosso país?

Nos três volumes do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), nota-se a importância do brincar para crianças de 0 a 3 6 anos. O brincar deve estar proposto em todas as atividades, na sala de aula e nos projetos desenvolvidos.

No Volume 2, o documento destaca algumas capacidades importantes que são desenvolvidas por meio do brincar, dentro disso está o faz-de-conta em que a criança brinca de pai, mãe, médico, entre outros, em que é estimulado a atenção, a imitação, a memória e a imaginação.

Portanto, o brincar além de ser a essência da infância é um direito da criança. Direito este reconhecido na Convenção sobre os Direitos da Criança (1989) adotada pela Assembléia das Nações Unidas, pela atual Constituição Brasileira (1988) e pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (1990).

Nota-se a importância para a escola de sistematizar alguns conteúdos, torná-lo menos cansativo e caótico, estabelecer rotinas, sendo características imprescindíveis nas escolas atuais. Talvez o erro exista a partir do momento em que se tenta restringir e limitar o que a criança deve aprender ou forçar aquilo que não é cabível naquele momento. Assim como brincar, aprender deveria ser uma atividade espontânea e prazerosa.

Nas palavras de Ruben Alves (1983, p. 104):

(...) arte e brinquedo têm isto em comum, não são meios para fins mais importantes, mas puros horizontes utópicos em que se inspira toda a canseira do trabalho, suspiro da criatura oprimida que desejaria ser transformada em brinquedo e em beleza.

A escola é um espaço em que a criança naturalmente terá uma relação concretizada com o outro, adulto-criança e criança-criança, por isso a preocupação maior do professor são os conteúdos pedagógicos. Existem alguns conteúdos que a professora busca trabalhar com os alunos como: sabores, tamanhos, formas geométricas, letras, números, entre outros. Assim, os elementos traduzidos no faz-de-conta pelas crianças durante as brincadeiras podem ser trazidos pela professora na realidade a aplicadas como conteúdo.

É importante que o brincar de faz-de-conta seja um momento naturalmente compartilhados entre professor e criança, pois aqui a criança está em processo de aprendizagem e desenvolvimento.

Assim, afirma Rocha (1997, p.73)

(...) todas as possibilidades do conhecimento, enraizadas na estrutura das atividades lúdicas, não se estabelecem apenas pelo fato de a criança aprender os primeiros fundamentos do faz-de-conta. Nesse processo, pode-se (como mediador, como o outro no desenvolvimento de cada indivíduo) contemplar as diversas possibilidades que o jogo oferece, bem como privilegiar algumas de suas dimensões.

Desta forma, quando a professora compartilha sua experiência inventiva com a criança está ensinando-a e estimulando-a a brincar. E, quando isso acontece, a professora está contribuindo no desenvolvimento ainda não atingido da criança por compartilhar vivências e possibilidades ainda não experimentadas. Havendo a interação do adulto no grupo ele pode propor temas e situações diversas nas brincadeiras, que podem ser ou não aceitas e realizadas pelas crianças. O brincar faz com que a criança demonstre aquilo que entende do mundo em que vive.

De acordo com o RCNEI (1998), é dever dos profissionais da educação infantil sugerir e dispor de atividades de brincar que proporcionem às crianças a escolha entre várias opções. As atividades devem permitir que a criança escolha entre vários papéis, linguagens e regras; o professor de educação infantil deve estar atento para não estabelecer seus desejos e vontades, ou seja, o papel do adulto será o de estimular a imaginação das crianças. A palavra brincar, nestes referenciais é usado para designar esse espaço de elaboração, considerado como um laboratório do pensamento infantil, constituído por uma linguagem simbólica singular apoiada em brinquedos, objetos de uso cotidiano, materiais de construção e baseada em regras que estejam diretamente associadas à infância.

Quando é realizada a organização dos espaços físicos das instituições de Educação Infantil deve se considerar as dimensões do desenvolvimento infantil, ou seja, o imaginário, o lúdico, o artístico, o afetivo, o cognitivo, etc. Garantindo, assim, os direitos das crianças e uma educação de qualidade.

O RCNEI (1998) sugere, ainda, a criação de cantos nas salas de pré-escolas e afirma a importância da organização do material, que deve ser arrumado de maneira clara e de fácil acesso para a criança, em prateleiras à altura das mesmas,

evitando-se as caixas fechadas. A visualização do material ajuda as crianças a entenderem que o mesmo está na sala para ser explorado e usado por elas.

É na escola que a criança tem a possibilidade de aprender brincando, usando brinquedos diferenciados enriquecendo habilidade motora e experiências com diversidades de objetos. Além disso, é na escola que existe uma equipe pedagógica que proporciona momentos lúdicos para as crianças não apenas brincar por brincar e sim usar a imaginação e criatividade.

Por fim, as instituições de Educação Infantil devem dispor de condições materiais, pedagógicas, culturais, sociais, humanas, alimentares, espaciais para que a criança viva como ser de direitos e tenha todas as grandezas, ações, informações, constituições e vivências, respeitando a especificidade e individualidade de cada idade e o direito da criança ser e brincar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho foi desenvolvido com o propósito de destacar a importância do brincar nos processos de desenvolvimento e da aprendizagem da criança da Educação Infantil, e teve ainda como objetivos: indicar as características da criança no processo de desenvolvimento cognitivo e afetivo; apresentar o estágio pré-operatório da criança dos 2 a 7 anos de idade e mostrar possíveis atividades utilizando instrumentos práticos e teóricos a partir do brincar na Educação Infantil.

Para realização desta pesquisa apresentamos de forma sucinta alguns autores, como Piaget (1971, 1999 e 2003), Vigostky (2000), Wadsworth (1996) Kishimoto (1995), entre outros, que contribuíram de forma significativa para o entendimento e desenvolvimento do tema proposto.

Com base nas leituras e na minha vivência como professora notei que algumas profissionais utilizam o brincar como forma pedagógica, mas sem saber a real seriedade disto.

A criança desenvolve-se, essencialmente, através da atividade de brinquedo. Somente neste sentido o brinquedo pode ser considerado uma atividade condutora que determina o desenvolvimento de uma criança. (VIGOTSKY, 2000, p.135)

A escola que tem como foco a aprendizagem da criança deve propor situações em que a mesma possa desfrutar de momentos lúdicos com seus amigos, os quais estimularão sua imaginação, autoconfiança, atenção, imitação, memória, o

desenvolvimento motor, social, cognitivo e afetivo. Sem deixar de ressaltar que cada faixa etária necessita de brincadeiras e estímulos específicos que contribuirão para o desenvolvimento da criança.

Portanto, a criança necessita de um ambiente em que propicie a ela vivenciar e aprender de forma prazerosa, o brincar na escola é a melhor maneira para isso, que seja, de faz-de-conta, de sucatas, brinquedos pedagógicos como legos, brinquedos externos dos centros de Educação Infantil.

Os resultados existem e são positivos, porém o professor precisa primeiro saber o quão importante é o brincar na aprendizagem e, posteriormente, ter paciência, persistência e vontade, pois os resultados não serão vistos de um dia ou de um mês de trabalho e sim de um ano todo. Digo isto porque vivo esta realidade, ensino através de brincadeiras e finalizo o meu ano com a certeza de que meus alunos adquiriram os conhecimentos daquilo que propus e planejei durante o ano.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **A escola fragmento do futuro**. Fórum de Educação do Estado de São Paulo, 1983.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. Tradução de Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Summus, (coleção novas buscas em educação v. 17)1984.

BRASIL. Secretariada Educação Fundamental. Coordenação Geral de Educação Infantil. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília, DF: MEC/SEF/COEDI, 1998.v.I.

_____. Secretaria da Educação Fundamental. Coordenação Geral de Educação Infantil. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília, DF: MEC/SEF/COEDI, 1998 b. Vol: II.

_____. Secretaria da Educação Fundamental. Coordenação Geral de Educação Infantil. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília, DF: MEC/SEF/COEDI, 1998 c. Vol: III.

CHATEAU, J. **O jogo e a criança**. Tradução Guido Almeida, São Paulo: Summus Editorial, 1987.

COUTINHO, Maria Tereza da Cunha. **Psicologia da educação: um estudo dos processos psicológicos de desenvolvimento e aprendizagem humanos, voltado para a educação**. Belo Horizonte: Lê, 1992.

CUNHA, Nylse Helena Silva. **Brinquedoteca: um mergulho no brincar**. São Paulo: Maltese, 1994.

FERRACIOLI, Laércio. Aspectos da construção do conhecimento e da aprendizagem na obra de Jean Piaget. **Caderno Catarinense de Ensino de Física**, Vitória, ES v. 16, n. 2, p. 180 - 194, 1999.

GIL, Antonio Carlos. O que é pesquisa bibliográfica? In:_____. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002. p. 44.

GIL, Antonio Carlos. Como classificar as pesquisas? In:_____. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2010. p. 25-43.

GOURLART, Iris Barbosa. **Piaget: experiências básicas para utilização pelo professor**. 21. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

KISCHIMOTO, T. M. O jogo e a educação infantil. **Revista Pró-Posições**. Campinas: 2 (6): p.13, 1995.

MONTEIRO, R. F. **Jogos Dramáticos**. São Paulo: Edições Agora, 1994.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança, imitação, jogo, sonho, imagem e representação de jogo**. São Paulo: Zanhar, 1971.

PIAGET, Jean. **Seis estudos da psicologia**. 24. ed. Tradução D´Amorim, Maria Aline Magalhães. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. 24. ed. Tradução Maria Alice Magalhães D´ Amorim e Paulo Sergio Lima Silva. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

ROCHA, M.S.P.M.L. **O real e o imaginário no faz-de-conta: questões sobre o brincar no contexto da pré-escola**. In: Góes, M.C.R.; Smolka, A.L.B. (Org.). **A significação nos espaços educacionais: interação social e subjetivação**. Campinas: Papyrus, 1997.

SANTOS, S. M. dos et. all. **Brinquedoteca: sucata vira brinquedo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

VIGOTSKY , L. A. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

WADSWORTH, Barry. **Inteligência e Afetividade da Criança**. 4. ed. São Paulo: Enio Matheus Guazzelli, 1996.